



classica

Classica - Revista Brasileira de Estudos

Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos

Clássicos

Brasil

Nogueira, Érico

Tradução da Primeira Sátira de Juvenal em Hexâmetros Portugueses

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 32, núm. 1, 2019, pp. 299-305

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770919017>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# TRADUÇÃO DA PRIMEIRA SÁTIRA DE JUVENAL EM HEXÂMETROS PORTUGUESES

Érico Nogueira\*

Recebido em: 18/02/2019

Aprovado em: 16/4/2019

\* Professor de Língua e Literatura Latina, Departamento de Letras, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo.  
[nogueiraerico@gmail.com](mailto:nogueiraerico@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

A primeira sátira de Juvenal, como tantos outros poemas exordiais da literatura latina, é ao mesmo tempo apologia e recusa – isto é, neste caso, apologia da sátira, e recusa de outros gêneros da poesia, em especial a épica. Como o rol de motivos e assuntos de que esse poema trata é deveras extenso (cf. v. 85-86: “tudo o que fazem os homens – promessa, ira, medo, prazer, / contentos, canseiras – é forragem do nosso livrinho”), e o tratamento mesmo é sinuoso, cheio de repetições e vaivéns, segue uma lista completa e detalhada que certamente ajudará o leitor a compreender melhor o que for ler:

1-18. Por que escrever? Recusa de outros gêneros em favor da sátira.

19-21 A sátira.

22-51 Temas ou assuntos passíveis de sátira:

- a) efeminados;
- b) atrizes;
- c) novos-ricos;
- d) delatores;
- e) os que casam por interesse.

52-54 O caráter inofensivo da poesia “mitológica”.

55-78 Outros temas ou assuntos passíveis de sátira:

- f) o cáften;
- g) a nobreza decadente;
- h) o falsário;



- i) a mulher que envenena o marido;
- j) o corruptor de mulheres casadas;
- l) o adolescente adúltero.

79-86 “A indignação faz o verso”.

87-146 Terceiro rol de temas passíveis de sátira:

- m) o jogo;
- n) a relação entre patrão e cliente.

147-161 “Todo vício chegou ao cúmulo”.

162-164 Novamente o caráter inofensivo da poesia “mitológica”.

165-171 Conclusão.

Finalmente, é preciso observar que nossa tradução buscou seguir bem de perto o original latino, e, pois, reelabora ou tenta reelaborar em português a elocução, o léxico, a ordem mesma dos vocábulos na sentença – e, na medida em que o permitam as diferenças fonológicas entre o latim e o português, também o metro do original.<sup>1</sup> Donde a variação rítmica e silábica do nosso verso, que, embora de andamento preponderantemente dactílico, não evita o espondeu – que sugere por ditongos, sinéreses e afins –, e admite anacruse (embora não obrigatória) se o fim do verso anterior for agudo.

Quanto às traduções poéticas da primeira sátira de Juvenal em português, é preciso mencionar as decassilábicas de Francisco Antônio Martins Bastos<sup>2</sup> e Antônio de Sousa da Silva Costa Lobo,<sup>3</sup> ambas do século XIX, e a recentíssima tradução hexamétrica de Rafael Cavalcanti do Carmo<sup>4</sup> – da qual a exatidão semântica e a qualidade propriamente poética, porém, parecem ter sido prejudicadas pelas injunções do ritmo.

---

<sup>1</sup> Para a história do hexâmetro em português, cf. Oliva Neto e Nogueira (2013). Sobre os distintos métodos de ler, escandir e reproduzir medidas latinas em português, veja-se Nogueira (2018). Note-se, finalmente, que chamamos ao verso vernáculo usado nesta nossa tradução de Juvenal “hexâmetro português” por mera convenção – isto é, cientes de que, em última instância, uma língua de silabação qualitativa, como o português, não logra reproduzir um verso fundado em silabação quantitativa, como é o hexâmetro latino.

<sup>2</sup> Cf. *As satyras de Decio Junio Juvenal, principe dos poetas satyricos* (trad. Francisco Antonio Martins Bastos, 1839).

<sup>3</sup> Cf. *Satiras de Juvenal trasladadas em verso portuguez* (trad. Antonio de S. S. Costa Lobo, 1878-1881).

<sup>4</sup> Cf. Carmo (2018).

## TEXTO E TRADUÇÃO

O texto que traduzimos e estampamos a seguir é o de Susanna Morton Braund (*Jurenal and Persius*. London / Cambridge-MA: Loeb, 2004). As notas que acompanham a tradução foram reduzidas às que julgamos indispensáveis para a compreensão algo mais cômoda e direta do original, sem a pretensão de entrar em questões delicadas de exegese linguística ou literária.

Semper ego auditor tantum? numquamne reponam  
vexatus totiens rauci Theseide Cordi?  
impune ergo mihi recitaverit ille togatas,  
hic elegos? impune diem consumpererit ingens  
Telephus aut summi plena iam margine libri  
scriptus et in tergo neccdum finitus Orestes?  
nota magis nulli domus est sua quam mihi lucus  
Martis et Aeoliis vicinum rupibus antrum  
Vulcani; quid agant venti, quas torqueat umbras  
Aeacus, unde alius furtivae devehat aurum  
pelliculae, quantas iaculetur Monychus ornos,  
Frontonis platani convolsaque marmorata clamat  
sempre et adsiduo ruptae lectore columnae.  
exspectes eadem a summo minimoque poeta.  
et nos ergo manum ferulæ subduximus, et nos  
consilium dedimus Sullae, privatus ut altum  
dormiret. stulta est clementia, cum tot ubique  
vatibus occurras, periturae parcere chartae.  
cur tamen hoc potius libeat decurrere campo,  
per quem magnus equos Auruncae flexit alumnus,  
si vacat ac placidi rationem admittitis, edam.  
Cum tener uxorem ducat spado, Mévia Tuscum  
figat aprum et nuda teneat venubala mamma,  
patricios omnis opibus cum provocet unus  
quo tondente gravis iuveni mihi barba sonabat,  
cum pars Niliacae plebis, cum verna Canopi  
Crispinus Tyrias umero revocante lacernas  
ventilet aestivum dígiti sudantibus aurum  
nec sufferre queat maioris pondera gemmae,

Sempre eu só de ouvinte? Jamais irei descontar,  
vexado amiúde pela *Teseida* de Cordero<sup>5</sup> roufenho?  
Ora, impune me vai recitar, – um, tragédias togadas,  
o outro, elegias? Gastar vai impune o meu dia um enorme  
5 Télefo<sup>6</sup> ou, com a margem extrema do livro já cheia,  
um escrito no verso também e ainda não terminado *Orestes*<sup>7</sup>?  
Mais conhecida não é de ninguém sua casa que a mim  
o bosque de Marte e a gruta confim às escarpas eólias  
de Vulcano: e o que fazem os ventos, que sombras tortura  
10 Éaco, de onde o fulano traz o ouro da surripiada  
pelezinha, quantos ulmeiros Monico arremessa<sup>8</sup>  
– gritam-no os plátanos de Frontão<sup>9</sup> e os seus mármores moídos  
continuamente e as colunas roídas do instante leitor.  
Esperarás o mesmo do máximo e o mínimo poeta.  
15 Nós também desviamos da férula a mão, nós também  
conselho demos a Sila – ora, que, reformado, pesado  
fosse dormir.<sup>10</sup> É clemência estultíssima, se em toda a parte  
topas com poetas, poupar um papel destinado a morrer.  
Por que, contudo, prefiro correr o mesmíssimo campo  
20 pelo qual o grão filho de Aurunca guiou seus cavalos,<sup>11</sup>  
se calhar e folgardes de ouvir-me as razões, dir-vos-ei.  
Quando um molíssimo eunuco se casa, Mévia<sup>12</sup> um etrusco  
porco transfixa e segura os venábulos com a teta de fora,  
quando os patrícios todos em bens desafia sozinho  
25 quem me afeitava em rapaz a barba que hirsuta estalava,  
quando o restolho da plebe do Nilo – o Crispim de Canopo,  
verna – ao ombro jogando a sua capa purpúrea  
faz ventilar o ouro estivo de anéis em seus dedos suados  
sem poder suportar o peso de gema maior,

<sup>5</sup> Poeta desconhecido, autor de um poema épico sobre as gestas de Teseu.

<sup>6</sup> Isto é, uma tragédia.

<sup>7</sup> Também uma tragédia.

<sup>8</sup> Todos os episódios referidos nesta sequência se referem à história dos argonautas, tal e como a podemos ler nas *Argonauticas* de Valério Flaco. Trata-se, pois, de crítica e recusa da épica “mitológica” ou “ficcional”.

<sup>9</sup> Ricaço em cuja mansão se davam leituras de poesia como a criticada nesta sátira.

<sup>10</sup> Referência à prática da declamação escolar, isto é, aos exercícios de retórica tão comuns na escola romana do período. Lúcio Cornélio Sila (138 – 78 a.C.) foi um general e ditador romano.

<sup>11</sup> O grão filho de Aurunca (cidade da Campânia) referido no passo não é outro senão Caio Lucílio, o inventor – ou reinventor – da poesia satírica.

<sup>12</sup> Atriz desconhecida.

difficile est saturam non scribere. nam quis iniquae  
 tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se,  
 causidici nova cum veniat lectica Mathonis  
 plena ipso, post hunc magni delator amici  
 et cito rapturus de nobilitate comesa  
 quod superest, quem Massa timet, quem munere palpat 35  
 Carus et a trepido Thymele summissa Latino;  
 cum te summoveant qui testamenta merentur  
 noctibus, in caelum quos evehit optima summi  
 nunc via processus, vetulæ vesica beatae?  
 unciolam Proculeius habet, sed Gillo deuncem,  
 partes quisque suas ad mensuram inguiñis heres.  
 accipiat sane mercedem sanguinis et sic  
 palleat ut nudis pressit qui calcibus anguem  
 aut Lugudunensem rhetor dicturus ad aram.  
 quid referam quanta siccum iecur ardeat ira,  
 cum populum gregibus comitum premit hic spoliator  
 pupilli prostantis et hic damnatus inani  
 iudicio? quid enim salvis infamia nummis?  
 exul ab octava Marius bibit et fruitur dis  
 iratis, at tu victrix, provincia, ploras.  
 haec ego non credam Venusina digna lucerna?  
 haec ego non agitem? sed quid magis? Heracleas  
 aut Diomedes aut mugitum labyrinthi  
 et mare percussum puero fabrumque volantem,  
 cum leno accipiat moechi bona, si capiendi  
 ius nullum uxori, doctus spectare lacunar,  
 doctus et ad calicem vigilanti stertere naso;  
 cum fas esse putet curam sperare cohortis  
 qui bona donavit praesepibus et caret omni  
 maiorum censu, dum pervolat axe citato  
 Flaminiam puer Automedon? nam lora tenebat  
 ipse, lacernatae cum se iactaret amicae.  
 nonne libet medio ceras implere capaces  
 quadrivio, cum iam sexta cervice feratur  
 hinc atque inde patens ac nuda paene cathedra  
 et multum referens de Mæcenate supino  
 signator falsi, qui se lautum atque beatum  
 exiguis tabulis et gemma fecerit uda?  
 occurrit matrona potens, quae molle Calenum

30 difícil é sátiras *não* escrever. Ora, quem, ante a iníqua  
 Urbe, é tão paciente, tão férreo, que se contenha  
 quando passa a nova liteira do rábula Matão  
 cheia do próprio, após ele o alcagueté de mui grande amigo,  
 e muito em breve raptor da nobreza dilapidadíssima  
 – do que inda resta –, que até Massa teme, que Caro com dons  
 afaga,<sup>13</sup> qual Tímele enviada em missão por um trémulo Latino,<sup>14</sup>  
 quando te enxotam os que de testamentos se beneficiam  
 noturnamente, aos quais leva ao céu hoje a via melhor  
 da suma escalada – a boceta de alguma opulenta velhota?  
 40 Tem Proculeio uma oncinha, Gilão, por seu turno, tem onze,  
 cada herdeiro a fração proporcional à piroca.  
 Ambos, claro, recebam o salário do sangue e assim  
 empalideçam qual quem pisa em serpe com os pés descalçados  
 ou o orador que vai discursar ante o altar de Lião.<sup>15</sup>  
 45 Por que revelar quanta ira fervilha em meu figado seco,  
 quando, com a malta de cúmplices, pisa no povo o espoliante  
 do orfão que faz de miché – um condenado por uma sentença  
 sem efeito? Ora, a infâmia o que importa, com as moedas a salvo?  
 Mário<sup>16</sup> exilado a partir das catorze bebe e desfruta  
 50 a ira dos deuses, mas tu, vencedora província, tu choras.  
 Tais não crerei coisas dignas da horacianíssima<sup>17</sup> lâmpada?  
 Tais não achacarei? Mas o que, se não isso? As hercúleas  
 ou diomédicas ou o mugido no labirinto  
 ou o mar fendido pelo mancebo e o artesão voador,<sup>18</sup>  
 55 quando um rufião os regalos sequestra do amante à mulher,  
 dos quais a lei mesma a priva – tão douto em olhar para o teto,  
 douto em roncar junto à taça com o vígil nariz?  
 Quando lícito julga esperar um comando de coorte  
 quem doou os seus bens aos estábulos falso de todo  
 60 patrimônio ancestral, ao voar, rodas em disparada,  
 pela Flaminia – novo Automedonte? Ora, as rédeas sustinha  
 ele próprio, ao mostrar-se para a encapotada amiguinha.  
 Aí não é lícito encher anchas tábuas de cera no meio  
 da encruzilhada, quando são seis as cabeças que levam  
 65 lá e ali, exposto em seminua cadeira  
 e recordando muito o reclinado Mecenas,<sup>19</sup>  
 um falsário que se tornou refinado e opulento  
 com diminutas tabuinhas e mais um sinete molhado?  
 Vem poderosa matrona que, o relaxante caleno<sup>20</sup>

<sup>13</sup> Bébio Massa e Mécio Caro foram dois alcaguetes durante o principado de Domiciano.

<sup>14</sup> Latino e Tímele são atores.

<sup>15</sup> Referência aos castigos infligidos aos perdedores nos torneios de oratória em Lião.

<sup>16</sup> Mário Prisco, exilado por extorsão.

<sup>17</sup> Em latim, literalmente, “Venusina”, isto é, venusina, de Venusia, pátria de Horácio. Daí “horacianíssima” em português, com cujo superlativo pretendemos imitar a elocução enfática e incisiva de Juvenal.

<sup>18</sup> Neste passo se faz referência a assuntos próprios da épica.

<sup>19</sup> Caio Clínio Mecenas (70 – 8 a.C.), célebre patrono das artes durante o principado de Augusto.

<sup>20</sup> Vinho de altíssima qualidade proveniente da Campânia.

porrectura viro miscet sitiente rubetam  
instituitque rudes melior Lucusta propinquas  
per famam et populum nigros efferre maritos.  
aude aliquid brevibus Gyaris et carcere dignum,  
si vis esse aliquid. probitas laudatur et alget;  
criminibus debent hortos, praetoria, mensas,  
argentum vetus et stantem extra pocula caprum.  
quem patitur dormire nurus corruptor avarae,  
quem sponsae turpes et praetextatus adulter?  
si natura negat, facit indignatio versum  
qualemcumque potest, quales ego vel Cluvienus.  
ex quo Deucalión nimbis tollentibus aequor  
navigio montem ascendit sortesque poposcit  
paulatimque anima calverunt mollia saxa  
et maribus nudas ostendit Pyrrha puellas,  
quidquid agunt homines, votum, timor, ira, voluptas,  
gaudia, discursus, nostri farrago libellist.  
et quando uberior vitiorum copia? quando  
maior avaritiae patuit sinus? alea quando  
hos animos? neque enim loculis comitantibus itur  
ad casum tabulae, posita sed luditur arca.  
proelia quanta illuc dispensatore videbis  
armigerol simplexne furor sestertia centum  
perdere et horrenti tunicam non reddere servo?  
quis totidem erexit villas, quis fercula septem  
secreto cenavit avus? nunc sportula primo  
limine parva sedet turbae rapienda togatae.  
ille tamen faciem prius inspicit et trepidat ne  
suppositus venias ac falso nomine poscas:  
agnitus accipies. iubet a praecone vocari  
ipsos Troiugenas, nam vexant limen et ipsi  
nobiscum. “da praetori, da deinde tribuno.”  
sed libertinus prior est. “prior” inquit “ego adsum.  
cur timeam dubitemve locum defendere, quamuis  
natus ad Euphrates, molles quod in aure fenestrae  
arguerint, licet ipse negem? sed quinque tabernae  
quadrinagenta parant. quid confert purpura maior  
optandum, si Laurenti custodit in agro  
conductas Corvinus ovis, ego possideo plus  
Pallante et Licinios?” exspectent ergo tribuni,

70 indo ao esposo servir, põe-lhe sumo sedento de sapo  
e ensinou – melhorada Locusta – as rudes vizinhas  
entre o escândalo e a turba a enterrar gangrenados maridos.  
Ousa algo digno da Gíara estreita<sup>21</sup> e, enfim, da prisão,  
se queres ser algo. A honradez é louvada, mas fica no gelo;  
75 pois aos crime se devem jardins, palácios, banquetes,  
prata antiga e púcaros donde releva um cabrão.  
Quem da cúpida nora o corruptor dormir deixa,  
quem as torpes esposas e o adultero adolescente?  
Se a natureza falece, a indignação faz o verso  
80 como pode – quais posso eu ou então Cluvieno.<sup>22</sup>  
Desde que Deucalião, o mar subindo com as chuvas,  
de navio escalou a montanha e um oráculo pediu  
e aos poucos amoleceram as pedras acesas de vida  
e também aos varões mostrou Pirra as nuas moçoilas,<sup>23</sup>  
85 tudo o que fazem os homens – promessa, ira, medo, prazer,  
contentos, canseiras – é forragem do nosso lirinho.  
Ora, quando mais rica cópia de vícios, quando  
mais a ambição escancarou o seio, e o jogo foi quando  
tão animado? Pois não se vai em companhia da bolsa  
90 para o acaso da mesa, mas joga-se uma arca em apostas.  
Quantas batalhas ali não verás diante do armígero  
crupi! É loucura singela perder cem mil  
sestércios e ao escravo tremente não dar uma túnica?  
Qual avô ergueu tantas vilas, qual sete bandejas  
95 solitariamente jantou? Hoje a minicestinha<sup>24</sup>  
jaz no primeiro umbral para o rapto da turba togada.  
Ele, no entanto, inspeciona primeiro e receia que acaso  
venhas em pele alheia e sob nome falso demandes:  
reconhecido, recebes. Ordena ao pregoeiro chamar  
100 os próprios troianos,<sup>25</sup> que os próprios junto conosco também  
sitiaram o umbral. “Dá ao pretor. Em seguida, dá ao tribuno”.  
Mas o liberto é o primeiro. “Primeiro”, diz ele, “eu cheguei.  
Por que hei de temer ou recuar defender este posto, apesar  
de nascido no Eufrates – o que os moles furos na orelha  
105 provariam, se eu negasse? Porém, minhas cinco lojinhás  
dão quatrocentos mil: dá a púrpura senatorial  
o que se deseja, uma vez que Corvino<sup>26</sup> no campo laurente  
guarda ovelhas de soldada, enquanto eu tenho mais  
do que Palante e os Licínios?”. Esperem, pois, os tribunos,

<sup>21</sup> Ilha no mar Egeu.

<sup>22</sup> Poeta desconhecido, provavelmente um amador.

<sup>23</sup> Resumo da história de Deucalião e Pirra (cf. Ovídio, *Metamorfoses*, I, 253-416).

<sup>24</sup> Na qual os patronos costumavam dar dinheiro aos seus clientes.

<sup>25</sup> Isto é, as mais nobres famílias romanas, supostamente descendentes dos troianos, como nos narra a *Eneida* de Virgílio.

<sup>26</sup> Um nobre.

vincant divitiae, sacro ne cedat honori  
 nuper in hanc urbem pedibus qui venerat albis,  
 quandoquidem inter nos sanctissima divitiarum  
 maiestas. etsi funesta Pecunia templo  
 nondum habitat, nullas nummorum erexit aras,  
 ut colitur Pax atque Fides, Victoria, Virtus  
 quaeque salutato crepitat Concordia nido.  
 sed cum summus honor finito computet anno,  
 sportula quid referat, quantum rationibus addat,  
 quid facient comites quibus hinc toga, calceus hinc est  
 et panis fumusque domi? densissima centum  
 quadrantes lectica petit, sequiturque maritum  
 languida vel praegnas et circumducitur uxor.  
 hic petit absenti nota iam callidus arte  
 ostendens vacuam et clausam pro coniuge sellam.  
 “Galla mea est” inquit, “citus dimitte. moraris?  
 profer, Galla, caput. noli vexare, quiescer.”  
 Ipse dies pulchro distinguitur ordine rerum:  
 sportula, deinde forum iurisque peritus Apollo  
 atque triumphales, inter quas ausus habere  
 nescio quis titulos Aegyptius atque Arabarches,  
 cuius ad effigiem non tantum meiere fas est.  
 vestibulis abeunt veteres lassique clientes  
 votaque deponunt, quamquam longissima cenae  
 spes homini; caulis miseris atque ignis emendus.  
 optima silvarum interea pelagique vorabit  
 rex horum vacuisque toris tantum ipse iacebit.  
 nam de tot pulchris et latis orbibus et tam  
 antiquis una comedunt patrimonia mensa.  
 nullus iam parasitus erit. sed quis ferat istas  
 luxuriae sordes? quanta est gula quae sibi totos  
 ponit apros, animal propter convivia natum!  
 poena tamen praesens, cum tu deponis amictus  
 turgidus et crudum pavonem in balnea portas.  
 hinc subitae mortes atque intestata senectus.  
 it nova nec tristis per cunctas fabula cenas;  
 ducitur iratis plaudendum funus amicis.  
 Nil erit ulterius quod nostris moribus addat  
 posteritas, eadem facient cupientque minores,  
 omne in praeципiti vitium stetit. utere velis,  
 totos pande sinus. dices hic forsitan “unde  
 ingenium par materiae? unde illa priorum  
 scribendi quodcumque animo flagrante liberet  
 simplicitas? “cuius non audio dicere nomen?  
 quid refert dictis ignoscat Mucius an non?”  
 pone Tigellinum, taeda lucebis in illa  
 qua stantes ardent qui fixo gutture fumant,

110 vençam as riquezas, e o passo não ceda ao cargo sagrado  
 quem há pouco chegava a esta urbe com os pés alvacentos,<sup>27</sup>  
 já que entre nós é santa santíssima a majestade  
 das riquezas, embora a funesta Pecúnia um templo  
 inda não habite, e altares nenhuns erigimos às moedas,  
 115 como a Paz se cultua, e a Confiança, a Vitoria, a Virtude,  
 e a Concórdia que arrulha aquando o seu ninho é saudado.<sup>28</sup>  
 Mas, quando o máximo cargo o balanço faz ao fim do ano  
 do que rende a cestinha, de quanto acrescenta ao seu saldo,  
 que farão os clientes que dela têm toga e calçado  
 120 mais o pão e a lenha da casa? Bastíssimas liteiras  
 pedem os cem quadrantes,<sup>29</sup> e vai atrás do marido  
 lânguida ou grávida esposa que levam ali e acolá.  
 Um, habilíssimo na arte manjada, pede a uma ausente,  
 apontando, em vez da mulher, selim vazio e fechado.  
 125 “Eis minha Gala”, diz, “anda logo. Por que te demoras?  
 Mostra, Gala, o teu rosto”. “Não na incomodes: dormiu”.  
 O próprio dia é marcado por linda sequência de eventos:  
 cesta, depois o fórum de Apolo jurisperito  
 e a estatária triunfal, no meio da qual ousou pôr  
 130 seus títulos um não sei qual egípcio ou alfandegário,  
 em cuja efígie não somente mijar lícito é.  
 Deixaram os vestíbulos os velhos e fatigados clientes  
 e depõem os seus votos, conquanto longuissima no homem  
 seja a esperança de ceia: e almeirão compra o pobre, mais fogo.  
 135 Entretanto, o melhor das florestas e mar tragará  
 o grão-senhor deles, sozinho deitado em leitos vazios.  
 Com efeito, entre távolas tão belas e amplas e tão  
 antigas, um patrimônio eles comem em mesa de um só.  
 Nenhum parasita mais haverá. Mas quem aguenta esta  
 140 sordidez luxuosa? Que gula tamanha se serve  
 porcos inteiros, um bicho nascido para as festanças?  
 Todavia, o castigo é instantâneo, pois tiras o manto  
 empanzinado, e indigesto pavão levas tu ao banheiro.  
 Daí mortes súbitas e uma vellhice sem testamento.  
 145 Corre a recente e não triste notícia por todos os jantares;  
 sai o funeral, que os amigos furiosos terão de aplaudir.  
 Nada além disso o futuro terá que acrescente aos costumes  
 nossos, e o mesmo farão, quererão os da nossa prosápia:  
 todo vício chegou ao cúmulo. Solta os panos,  
 150 todas as velas se enfundem. Dirás, porventura, “Mas onde  
 há um engenho à altura do assunto? Onde aquela ancestral  
 franqueza de escrever o que quer que ao espírito em brasa  
 bem parecesse?”. O nome de quem não ousou dizer?  
 Que me importa se Múcio<sup>30</sup> perdoa-me a língua ou não?  
 155 “Pinta Tigelino,<sup>31</sup> e hás de brilhar na tal tocha  
 onde ardem de pé e fumegam os de goela amarrada,

<sup>27</sup> Característica física do escravo estrangeiro.

<sup>28</sup> Porque as cegonhas faziam ninhos – e, pois, arrulhavam – no templo da Concórdia.

<sup>29</sup> Moeda de pouco valor.

<sup>30</sup> Públis Múcio Cévola, político eminentíssimo atacado por Lucílio.

<sup>31</sup> Caio Ofônio Tigelino, um protegido de Nero.

\*\*\*

et latum media sulcum deducit harena.”  
 qui dedit ergo tribus patruis aconita, vehatur  
 pensilibus plumis atque illinc despiciat nos?  
 “cum veniet contra, digito compesce labellum:  
 accusator erit qui verbum dixerit ‘hic est.’  
 securus licet Aenean Rutulumque ferocem  
 committas, nulli gravis est percussus Achilles  
 aut multum quaeſitus Hylas urnamque secutus:  
 ense velut stricto quotiens Lucilius ardens  
 infremuit, rubet auditor cui frigida mens est  
 criminibus, tacita sudant praecordia culpa.  
 inde ira et lacrimae. tecum prius ergo voluta  
 haec animo ante tubas: galeatum sero duelli  
 paenitet.” experiar quid concedatur in illos  
 quorum Flaminia tegitur cinis atque Latina.

\*\*\*

e a caraça abre um largo sulco no meio do chão”.  
 Logo, o que acônito deu aos três tios, será carregado  
 em almofadas de pluma, e de lá vai olhar-nos soberbo?  
 160 “Quando cruzar contigo, coloca o dedo na boca:  
 delator há de ser quem a frase soltar ‘Sim, é ele!’.  
 Sem perigo porás Eneias e o rútulo fero  
 em combate, a ninguém agrava um Aquiles furado  
 ou Hilas procuradíssimo após ir atrás do seu cântaro;<sup>32</sup>  
 165 sempre que o ardido Lucílio, porém, qual se a espada empunhara,  
 brame, enrubescê o ouvinte que tem a consciência gelada  
 dos seus crimes, e suam as entranhas da culpa silente.  
 Donde ira e lágrimas. Volve-o contigo primeiro no espírito  
 antes de soar a trombeta: o armado da luta arrepende-se  
 170 tarde”. Vou ver o que se me concede, pois, contra aqueles  
 cujas cinzas espalham-se sob a Flaminia e a Latina.<sup>33</sup>

## REFERÊNCIAS

CARMO, Rafael Cavalcante do. *Difficile est Saturam Bene Vertere: Os Desafios da Tradução Poética e uma Versão Brasileira das Sátiras de Juvenal*. 290 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. Disponível em: <http://letras.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGL/detalhes-da-tese?id=12155>

JUVENAL. *As sátiras de Decio Junio Juvenal, principe dos poetas satyricos*. Introdução, tradução e notas por Francisco Antonio Martins Bastos. Lisboa: Imprensa de Cândido A. da S. Carvalho, 1839.

JUVENAL. *Sátiras de Juvenal trasladadas em verso português*. Introdução, tradução e notas por Antonio de S. S. Costa Lobo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878-1881.

JUVENAL; PERSIUS. *Juvenal and Persius*. Edited and translated by Susanna Morton Braund. Cambridge: Harvard University, 2004.

NOGUEIRA, Érico. Medidas latinas em verso português. *Cadernos de Tradução*, v. 38, n. 3, p. 142-158, set-dez 2018. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n3p142>

OLIVA NETO, João Angelo; NOGUEIRA, Érico. O hexâmetro dactílico vernáculo antes de Carlos Alberto Nunes. *Scientia Traductionis*, n. 13, p. 295-311, jul. 2013. doi: <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2013n13p295>

<sup>32</sup> Referência a temas épicos.

<sup>33</sup> Apenas figuras ricas e eminentes eram enterradas nas referidas vias.